



**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO E DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA
CONTEMPORANEIDADE: DEFESA DE UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANA E
LIVRE.**

Carolina Orlando Bastos¹

Deivid de Carvalho Lima Junior²

Maria Eduarda Martins de Oliveira Pinheiro³

RESUMO

Este trabalho apresenta uma perspectiva a respeito da educação brasileira a partir de conceitos chave que estão presentes no pensamento do brasileiro Paulo Freire, a fim de demonstrar a importância da educação dialógica e a sua ênfase no poder que pode exercer sobre a /e na democracia brasileira; além de propor a valorização do ensino de filosofia em todos os níveis de escolarização, entendendo-a como essencial para a valorização e o desenvolvimento das escolas públicas, gratuitas e de qualidade. Assim, este artigo possui o objetivo de fazer seus leitores e leitoras refletirem criticamente sobre a educação que se tem na contemporaneidade e a que se almeja alcançar. Para isso, o método adotado é estritamente bibliográfico com relatos de experiências desenvolvidas a partir do projeto de extensão elaborado no CEFET/ RJ, *campi* Valença. O projeto surgiu em um momento pandêmico de 2020 com fortes questionamentos, mas que resultou em encontros prazerosos para a discussão dos diferentes temas, apesar de não responder objetivamente perguntas, pois o modo de se fazer nesse trabalho foi o socrático, tendo em vista os debates que são capazes de alvitrar. Pode-se perceber que é inevitável a aproximação educando-educador, além do conteúdo das disciplinas fazerem parte da vivência dos envolvidos no processo, considerando que o conteúdo precisa estar vivo na educação para que ela possa ser mais humana, crítica e livre.

Palavras-chave: Educação libertadora; Dialogicidade; Vivências.

¹ Doutoranda em educação (UFJF) e professora substituta (CEFET/RJ, Campus Valença). E-mail: bastos.carol@ymail.com

² Estudante do Ensino médio integrado ao técnico de química (CEFET/RJ, Campus Valença). E-mail: deividlimacarvalho@gmail.com

³ Estudante do Ensino médio integrado ao técnico de química (CEFET/RJ, Campus Valença), maria_dudi@outlook.com



ABSTRACT

This work intends to present a perspective about Brazilian education from key concepts that are present in the thought of Brazilian Paulo Freire, in order to demonstrate the importance of dialogic education and its emphasis on the power it can exert over –and in Brazilian democracy; in addition to proposing the appreciation of the teaching of philosophy at all levels of schooling, understanding it as essential for the appreciation and development of free and quality public schools. This one has the objective of making its readers and readers reflect critically on the education that one has in contemporaneity and that one aims to achieve. For this, the method will be strictly bibliographic with reports of learning developed from the extension project elaborated at CEFET / RJ, Valença campus. The project arose in a pandemic moment in 2020 with strong questions, but which resulted in pleasant meetings for a discussion of different themes, despite not objectively answering questions, as the way of doing this work was the Socratic one, given the debates that are able to suggest. An educator-educator approach is inevitable and that the content of the subjects is part of the experience of those involved in the process, considering that the content needs to be alive in education so that it can be more human, critical, and free.

Keywords: Liberating education; Dialogicity; Experiences.

INTRODUÇÃO

Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira” (FREIRE, 2019, p. 113).

Educar é um dos processos mais antigos e necessários da humanidade. O presente trabalho tem como objetivo principal demonstrar a importância da educação dialógica e a sua ênfase no poder que pode exercer sobre a /e na democracia brasileira. Portanto, a educação é um processo universal e necessário para a humanidade, pois é capaz de criar mundos. Isso implica em afirmar que é através dela que o ser humano se percebe como diferente e constrói um pensamento crítico. Sendo assim, pode-se reiterar que é por meio da educação que uma nação pode ser construída ou alterada. É por meio dela que é possível gerar uma sociedade mais igualitária e justa.



Atualmente, há uma diferença crucial entre os conceitos de escola e de estudo, de tempo cronológico e de tempo do sujeito no processo educacional. Escola é um espaço físico necessário para o aprendizado e a socialização, enquanto estudo é um processo que se faz ao longo de toda a vida dos seres humanos, pois o homem está em constante busca pelo conhecimento, ou seja, é um eterno estudioso. Esses conceitos podem e devem ser pensados de maneira filosófica por se tratar de um estudo, também, ontológico. Este artigo almeja também apresentar um pouco do pensamento freiriano, principalmente sobre o que o patrono da educação brasileira pensou a respeito da *educação bancária* e como romper com esse tipo de educação. Nesse intento, várias discussões do projeto se deram em torno de como ele pôde contribuir para uma educação dialógica e crítica em pleno contexto pandêmico da COVID-19 no CEFET/RJ nas turmas de Ensino Médio Integrado ao Técnico.

A ideia do projeto de pesquisa surgiu da necessidade da professora de filosofia pensar a educação como um processo essencial na vida de todos os seres humanos. Apesar dessa disciplina, infelizmente, ainda não ter – por muitos estudantes – o reconhecimento que deveria, a professora quis apresentar aos interessados pelo projeto o livro *A pedagogia do oprimido* do filósofo, educador e secretário da educação, Paulo Freire que traz uma proposta para uma educação mais humanitária, além de questionamentos sobre o funcionamento da educação no período de sua publicação (1968) e que ainda se arrastam até os nossos dias.

As questões que o projeto englobou e buscou levantar foram: é possível uma educação humana e livre no século XXI, em que as pessoas estão compenetradas no capitalismo como a verdadeira forma de vida? Por que o governo quer desvalorizar o ensino de filosofia na Educação Básica? Por que o pensamento de Paulo Freire incomoda tanta gente?

A metodologia utilizada na pesquisa foi a qualitativa atrelada ao estudo bibliográfico e à análise de textos para desenvolver um método experimental. Isso fez os integrantes do projeto analisarem, com base no que foi estudado e refletido, sobre a necessidade de ter na educação uma maior abertura para o diálogo, principalmente em sala de aula. A escolha pelo método qualitativo se vincula a não pretensão de apresentar



dados generalizados, uma vez que as discussões permearam o caminho a ser tomado no projeto de pesquisa. Dessa forma, o propósito foi se (re)fazendo conforme Freire aponta: um ensino dialógico em que professor e aluno andam de “mãos dadas” para pensar, refletir e debater sobre os mais diversos assuntos e rotinas. Afinal, o professor precisa compreender o contexto em que seus alunos estão inseridos para dialogarem em conjunto, para “falarem a mesma linguagem”. Do que adianta o professor querer debater sobre determinado assunto se ele não faz parte da realidade do discente?

Vale ressaltar que o percurso do estudo bibliográfico se realizou com a leitura da obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, levantando questões que tornaram o livro cada vez mais contemporâneo e de grande relevância para se pensar a educação, tais como: qual a necessidade das pessoas na busca de serem mais? Por que ainda se pode falar em um governo autoritário e que não respeita a educação? Ainda há algum tipo de “perseguição” aos oprimidos? A escolha por essa obra como primária ocorreu como proposta inicial do trabalho submetido à instituição, tendo em vista que se trata de um importante livro para o / e no contexto educacional. Destaca-se que a obra de Freire atualmente sofre críticas feitas de maneira inadequada por pessoas, muitas vezes, desqualificadas. A partir dessa escolha, os integrantes do projeto foram se interessando pelo autor e fazendo leituras “paralelas”, como por exemplo, *Pedagogia da autonomia* e *A importância no ato de ler*, do mesmo autor, formando assim uma vasta lista de referência bibliográfica de obras secundárias.

Portanto, neste texto, serão abordadas as discussões que tangem o pensamento freiriano e que levaram os educandos e os educadores a pensar e a analisar sobre a possibilidade de se fazer uma educação viva. Na sequência, será relatado um pouco das discussões e da necessidade de se ter projetos de extensão, nos quais estudantes e professores pensem juntos com vistas a melhorar o ensino e a educação brasileira.

EDUCAR É ASSUMIR UM ATO ÉTICO

A fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens



antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé.” (FREIRE, 2019, p. 112).

Freire propôs, ao longo de sua caminhada educacional, uma perspectiva pautada na observação e no respeito ao sujeito e à sua temporalidade. Nesse sentido, educar é um ato ético.

As relações entre o espaço social escolar e o autoconhecimento representam essas ações do ser com vistas à transformação da sociedade mediante às suas opiniões e vivências. A trajetória de cada aluno e a sua “bagagem” cultural é a base para a diversidade e o contato direto de trocas de “mundos distintos”, por isso, foi afirmado no início desse trabalho que a educação cria mundos. Deve-se levar em consideração que cada ser é único e as realidades variam entre pessoas, situações diversas vivenciadas, espaços físicos etc. Nesse sentido, recomenda-se analisar cada caso específico e as pretensões dos indivíduos, pois mesmo em um sistema de ensino que tem um currículo comum que garante o aprendizado de forma unânime – assegurando que todos os estudantes tenham o mesmo conteúdo exigido em exames celetistas –, necessita-se pensar que a educação deve atender a todos de maneira para se alcançar a equidade, e não uma forma mercadológica e sectária, como ocorreu durante as décadas de 40 e 70 do século XX, período em que o Brasil passou por grandes mudanças sociais, políticas e econômicas.

A industrialização, que teve um desenvolvimento na chamada Era Vargas, elevou os “leques” de possibilidades com oportunidades no aumento da expectativa de vida. Apesar dos avanços no mundo industrial, a educação possuía uma atenção voltada especialmente para a formação de tecnólogos e de Níveis Superiores. O ciclo fundamental era realizado de maneira prática e destinada para a função social que gerariam lucros futuros para o Estado. Em outras palavras, com o processo de desenvolvimento industrial, as empresas necessitariam de mão de obra especializada, indivíduos capazes de realizar as tarefas no chão da fábrica, sendo assim, o processo de ensino aprendizagem deveria suprir essa necessidade do mercado interno, não havendo uma preocupação mais rigorosa a respeito da formação do indivíduo que o “libertasse”.



O método descrito acima foi uma forma de amenizar os problemas causados pela crise de 1929, a quebra da bolsa de valores de Nova York, que abalou o mercado financeiro em boa parte do mundo. Com isso, podemos analisar que uma didática sem muitos questionamentos foram e, de certa forma, ainda são usados pelos interesses econômicos. A mudança desse tipo de pensamento se inicia quando os indivíduos começam a praticar a educação libertadora. Vem-se falando muito sobre o pensamento freiriano a partir da frase: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (FREIRE, 2019). Mas o que isso significa?

A educação é capaz de libertar tanto os indivíduos quanto as nações. A prisão intelectual e as grades de ensinos limitadas são fundamentais para o controle ideológico. A ausência de pensamentos críticos eleva o ser ao seu estágio fundamental de guiar-se pelos sentidos e pelas necessidades.

As dicotomias que parecem sempre impostas por cada era da sociedade é, na verdade, o estagnamento do desenvolvimento intelectual. É notório, quanto o ser contemporâneo evoluiu em tecnologias e no atendimento às necessidades básicas como, por exemplo, quanto à alimentação, saúde e educação. Apesar dessas necessidades serem de tratadas como assuntos banais para a maioria da população, por não terem ciência de como o mundo funciona e seu papel perante a sociedade. As ignorâncias evoluem para estereótipos que resultam em conflitos por verem seus semelhantes como diferentes. Sobre essa temática e polêmica, George Orwell (2007) descreveu, recentemente, em sua obra *A Revolução dos Bichos* como a dominação e a intolerância podem formar governos totalitários. O pensamento é inevitável, mas o direcionamento para a ação pode ser influenciado pelo meio, ainda que não seja de maneira intencional.

Por fim, deve-se observar que a educação não pode ter uma proposta mercadológica, mas uma educação livre e democrática, pautada no diálogo. Em que o ser se torne capaz de respeitar o ambiente e as pessoas da sociedade em que se encontra inserido. Educar é uma atitude ética à medida que o princípio da Ética – universal – é o amor. Freire destaca a importância de a educação ser dialógica, Ética e, portanto, amorosa. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não é possível o diálogo.” (FREIRE, 2019, p. 111).



A EDUCAÇÃO BANCÁRIA *VERSUS* A EDUCAÇÃO DIALÓGICA

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2019, p. 96)

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, o filósofo critica fortemente a ideia da educação bancária, a qual é vista como se o professor fosse “dono” do conhecimento, enquanto o aluno não sabe nada e que, por isso, os professores “depositam” seu conhecimento no aluno, fazendo com que ele pense de uma maneira definida, apenas aceitando e decorando ideias, sem saber criticá-las e/ou questioná-las. Nesse sentido, o ser não é agente de sua história. Ele é apenas o que recebe, repete e deposita a informação.

O educador brasileiro destaca que quanto mais se estuda e se analisa a relação educando e educador, mais se vê a necessidade de as relações serem construídas e reafirmadas por “narrativas, dissertadoras” (FREIRE, 2019, p. 79). Toda narrativa implica em sujeitos falantes e sujeitos ouvintes. Dessa forma, no processo educacional é importante saber falar e saber escutar. Entretanto, desde que o autor escreveu a sua grande obra, a saber, *Pedagogia do oprimido* é percebido que “a tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar” (FREIRE, 2019, p. 79). O sistema educacional brasileiro, antes de 1921, já possuía o formato que se encontra presente ainda na contemporaneidade, no qual o professor, assim como em um depósito bancário, deposita “matéria” que devem ser “arquivadas” em seus alunos e alunas, conteúdos que não fazem parte da vivência e nem do contexto em que os seres estão inseridos. Pode-se perceber que, nesse tipo de “sistema” é de grande valia a forma como as falas são proferidas, pois o que importa é que ocorra a memorização e, preferencialmente, de forma mecânica. O homem vira máquina de depósito e de transferência.

Contrário a essa proposta, Freire enfatiza que o importante da educação é a ação transformadora: do ser se fazer atuante no mundo. Sobre nova proposta, com um olhar humano, ele defende: “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta,



impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”. (*Id. Ibid.* p. 81).

Essa deficiência no pensamento crítico era, e ainda é, estratégica, pois para o governo e para qualquer outra instituição, que visa ter controle sobre a sociedade, é interessante que o indivíduo não tenha capacidade de questionar, para ser usados apenas como, “massa de manobra” para a vontade do opressor. Essa deficiência é percebida, enfaticamente, ao negar a educação como processo de busca, enfatizando que deve ser uma doação, na qual o professor que sabe tudo não pode ser questionado. Enquanto, na verdade, ela deve ser uma construção em que como em uma obra, uns ajudam os outros na composição de algo maior, pois os que tiveram uma maior experiência e estudo devem edificar a base para o outro aprender – e não apreender.

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamento não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu “humanitarismo”, e não humanismo, está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade [...]. (*Id. Ibid.* p. 83)

No pensamento do ser opressor o que lhe cabe é modificar a mentalidade e não a realidade dos oprimidos. Portanto, um de seus maiores desejos é que o oprimido se torne também opressor. De certa forma, é um querer ser sempre mais. Entretanto, é sabido que a consciência do oprimido é capaz de transformar a sociedade em que vive. Por isso, uma educação libertadora, democrática e humana incomoda demasiadamente o sistema. Pensar de forma autêntica é perigoso para os governantes e para os demais que não desejam libertar os marginalizados, ou nas palavras de Freire, os “esfarrapados do mundo.” (*Id. Ibid.*, p. 5).

No lugar dessa forma de educação muito recorrente, Paulo Freire defende a educação dialógica que, como o nome já diz, é pautada no diálogo e nas individualidades dos seres. Essa forma de educação traz a ideia de que há um aprendizado mútuo entre professor e aluno, visto que cada um possui suas próprias vivências e conhecimentos, possibilitando uma construção de novos pensamentos dentro de cada um, mas que, de certa forma, contribuem para todos, pois ninguém se liberta sozinho, mas em comunhão,



em parceria uns com os outros. Essa forma de educação defende o pensamento crítico e, por isso, também pode ser chamada de libertadora, pois através de questionamentos o oprimido passa a pensar por si próprio e liberta-se do opressor, deixando de ser usado como “massa de manobra”.

A comunicação é importante para esse processo de autenticidade e de libertação, na medida em que ser autêntico implica em viver e em experimentar a própria forma de pensar. Isso evita que ocorra a superposição de um ser perante o outro e a morte da vida. Sobre os oprimidos que possuem o forte desejo de se tornarem opressor, Freire destaca o pensamento de Fromm “ama el control y em el acto de controlar, mata la vida”. (FROMM *apud* FREIRE, 2019, p. 90).

Quando esses mesmos seres se sentem proibidos de atuar no sistema e percebem que são “massa de manobra”, eles fazem a revolução como um movimento, no qual sejam capazes de atuar, de terem o direito da fala e da escuta. Aí está o valor das manifestações populares que são tão importantes para que a democracia não deixe de existir.

Para as elites dominadoras, esta rebeldia, que é ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação - na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores. (*Id. Ibid.*, p. 92).

O que querem os opressores do Brasil? A passagem acima deixa explícita a vontade e o desejo dos opressores da não libertação dos esfarrapados. Por isso, almejam tanto que a educação seja um sistema bancário que não se tenha o cultivo, o cuidado pelo outro, o *cuidare*. À vista de se tornar uma atitude ética, ela é, também, *práxis* que implica em ação e reflexão a fim de transformar o mundo. A capacidade humana, além de problematizar o mundo, deve ser a que tem a intencionalidade de transformar o mundo em um lugar mais democrático para si e para os outros.

APRENDER A LER AS PALAVRAS E APRENDER A LER O MUNDO

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação



e de recriação, se não há amor que infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. (FREIRE, 2019, p. 110).

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire destaca a importância e o poder das palavras nos seres pensantes. É através dela que os homens se reconhecem e são capazes de dialogar. “Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo.” (*Id. Ibid.*, p. 108). Nesse pensamento, dizer a palavra é ser capaz de se ver enquanto agente transformador do mundo. Por isso, a palavra não é somente dos que se acham “donos” da verdade, mas um direito vital. Contudo, dizer a palavra implica em escutar a do outro, sendo assim, é por esse motivo a importância de a educação ser dialógica. Ninguém dialoga sozinho.: “É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue.” (FREIRE, 2019, p. 109).

Fica explícito que é através do diálogo que o homem se constrói na e pela humanidade. Um diálogo deve ser uma relação horizontal e pautado na confiança, capaz de fazer esses indivíduos cada vez mais próximos na sua pronúncia no mundo.

Em *A importância do ato de ler*, Freire (1989) destaca que a compreensão crítica da leitura não se esgota na decodificação que compõem palavras e frases, mas no olhar e no admirar o mundo, atitudes que precedem a leitura que se aprende em livros e na escola. A relação “*palavra mundo*” (FREIRE, 1991, p. 12) é importante em qualquer faixa etária, pois é através dela que o ser se re-descobre. Um jovem, por exemplo, precisa saber distinguir o verde de um fruto maduro de um que ainda não é adequado para o seu consumo. A partir dessa associação, quando está se aprendendo a ler, se relaciona as palavras com as coisas, no caso, o verde escrito pelas letras v-e-r-d-e-s com a cor. Uma pessoa antes de ler as palavras deve aprender a ler o mundo, ao qual ele ou ela está inserido. Por isso, é importante deixar que os seres tenham vivências, experiências de vida e imaginação.

No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1991, p. 14).



Freire retoma essa discussão na primeira obra citada neste trabalho, ressaltando que ao ler o mundo antes das palavras, não se precisa “decorar”, pois possui a significação mais profunda do que o signo – junção de letras que forma a palavra – faz referência na vida. A educação se faz biografia.

Freire destaca que é importante os adultos que ainda não foram alfabetizados, serem: “Inicialmente me parece interessante reformar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador” (*Id. Ibid.*, p. 19).

A leitura da palavra provoca nos seres a capacidade de reescrever o mundo, de transformá-lo. Por isso, ela é também um ato político que se torna um elemento importante na construção e na transformação da cultura. Os que se dedicam a esse processo não podem ver o mundo da forma com que lhe é imposto, mas passam a observar as situações e dizer o que podem modificá-las ou acrescentá-las.

O PROJETO DE EXTENSÃO: “A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO E DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA CONTEMPORANEIDADE: DEFESA DE UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANA E LIVRE”, REALIZADO NO CEFET/ RJ CAMPI VALENÇA

O Projeto teve como pretensão analisar a importância da educação no / e para o ser humano. Inicialmente, a coordenadora e os discentes, sendo contemplados como bolsistas do PBEXT, fizeram reuniões para apresentar o cronograma e, a partir disso, realizaram reuniões semanais para discussão do livro *A pedagogia do oprimido* e relacioná-lo com a contemporaneidade. Essa etapa foi realizada somente em plataformas⁴ online, no período de agosto a dezembro de 2020, na qual ocorreu a discussão dos mais diversos temas sempre escolhidos através do diálogo, tais como: preconceito, racismo, democracia, o papel da educação na sociedade, a necessidade da permanência da escola pública, o exame do ENEM, ciência da religião, questões ambientais e a importância da ciência na vida.

⁴ Os participantes não optaram por uma única plataforma a fim de tornar as reuniões de fácil acesso,



No último momento, o grupo ajudou a organizar um evento através da plataforma Even3 para estabelecer diálogo com a biocenose sobre a importância do CEFET Valença e a UFJF, pois ambas as instituições possuem um ensino público, gratuito e de qualidade para a comunidade estudantil local, regional e nacional. Esse evento foi realizado com a parceria do CEFET Valença –COEME– com o Departamento da graduação em Ciência da Religião da UFJF. O evento contou com a participação de 62 inscrites de todo o país e com palestrantes que além de professores, amantes da educação, são pesquisadores das temáticas escolhidas⁵.

Dessa forma, o projeto atingiu o seu objetivo primordial, ou seja, o de servir de base de ensino para qualquer etapa da escolarização desde que respeitado os aspectos próprios de desenvolvimento do ser. Além de favorecer a aprendizagem, pois contempla as situações vivenciadas pelo próprio sujeito, os conteúdos foram trabalhados de forma ampla, dando oportunidade do “florescer” próprio do senso crítico e do princípio da autonomia. A educação dialógica leva o aluno a se descobrir dentro do conhecimento e não simplesmente receber o conhecimento pronto e memorizá-lo, como ocorre na educação bancária.

Vale ressaltar que o projeto foi apresentado em um evento de grande importância para a comunidade cefetiana, a SEPEX 2020, que resultou em uma apresentação do projeto, enfatizando a importância de se levar o ensino público enquanto um direito para todas e todos. Sobre essa temática, foi inclusive pesquisada e discutida a etimologia da palavra gratuita que é tão falada na contemporaneidade e pouco refletida quanto ao seu real significado. Gratuidade que deriva do latim *lat gratuitus* possui como possível significação algo que não se espera nada em troca, como visto na teologia. Destarte, a educação pública, gratuita e de qualidade é um direito essencial aos seres humanos. Por isso, os envolvidos nesse projeto lutam tanto por ela.

5 <https://www.even3.com.br/religioeducacaoepoliticacontemporaneidade2020/> acesso em 03 de fevereiro de 2020.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos da Filosofia é o de fazer refletir sobre as mais diversas temáticas que permeiam a vida humana. Geralmente, realizada por meio da dialética socrática, ou seja, consiste em fazer mais perguntas do que em dar respostas prontas e tidas como verdade. As discussões levaram não necessariamente a respostas, mas culminou em grandes debates e reflexões sobre os questionamentos, citados nesse trabalho, que geraram ainda mais perguntas. Esses debates reforçaram que uma educação mais humanitária, pautada nas individualidades do ser, que vise o aprendizado real e o pensamento crítico, não somente o ato de “decorar” conteúdos, como se faz na educação bancária, é essencial para que possamos exercer de maneira adequada nossa capacidade humana de pensar criticamente e de lutar para que o sistema político dê acesso à alfabetização aos quase 13% que ainda faltam na nação brasileira.

O principal objetivo do projeto de extensão, assim como desse trabalho, foi levar os seus leitores e leitoras a pensarem em meios de tornar a educação mais humana e mais livre em qualquer nível de escolarização, pois esses conceitos, que aqui foram discutidos, devem ser pensados por toda a equipe pedagógica com os alunos e alunas, ou seja, é um processo que envolve todos os frequentadores da escola, a comunidade e os pesquisadores.

O ser ético é uma tarefa universal e um direito. As formações de conhecimentos vão além do que uma simples leitura de um livro e mais profunda do que a ação mecânica de tentar solucionar gigantescas listas de disciplinas. Engloba poder saber as suas causas, efeitos e como deve ocorrer a sua utilização de maneira prática, ou seja, como essas disciplinas se tornam vivas. O protagonista de cada jornada é o próprio indivíduo e, assim, cabe ao mesmo trilhar sua trajetória com habilidades que ultrapassam o considerado normal ou esperado. É possível construir um modelo voltado às escolhas, desde que, a liberdade seja respeitada mediante as diversidades. Afinal, liberdade e autonomia pressupõem viver!

Conclui-se, a partir disso, a necessidade de um conteúdo vivo na educação, o qual represente a capacidade que a comunidade escolar tem em relatar o que já vivenciou ou escutou sobre um assunto. Dessa forma, é recomendado que os professores tenham



contato com os seus educandos para que possam saber ler o mundo deles e assim perceber que o lugar de luta é na sociedade, na escola, inclusive na sala de aula.

Nesse sentido, o projeto de extensão em questão se evidenciou conforme o intrínseco desejo de que juntos educandos e educadores tenhamos a esperança enquanto seres na luta pela / e na educação pública, gratuita e de qualidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/Ass., 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos: um conto de fadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.